

ENTRELER: EXPERIÊNCIAS DE LEITURA EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS*

ENTRELER: READING EXPERIENCES IN COMMUNITY LIBRARIES

Sofia Tessler de Sousa¹
Rosa Maria Bueno Fischer²

RESUMO: O presente artigo lança um olhar para as experiências de leitura em bibliotecas comunitárias, interrogando-se como as mediadoras participam de tais experiências. Trata-se do recorte de uma pesquisa de mestrado em educação, de abordagem qualitativa, que recorre aos procedimentos metodológicos da cartografia e da montagem. Através de visitas a quatro bibliotecas do Rio Grande do Sul, busca-se escutar tais profissionais, de forma a desenhar possíveis aproximações entre a multiplicidade de práticas de leitura e seus contextos de atuação. O referencial teórico abrange autores que consideram a experiência da leitura na sua força de abertura, tais como Barthes, Candido, Petit, Foucault e Manguel.

PALAVRAS-CHAVES Experiência de leitura. Bibliotecas Comunitárias. Mediação. Educação.

ABSTRACT: This article takes the reading experiences at community libraries, highlighting mediators' role in these experiences. This reflection came from an ongoing master degree research in education, which uses a qualitative methodology inspired by cartography and mounting procedures. Through four visits to Rio Grande do Sul community libraries this article seeks to listen to these professionals to draw links between the reading experiences and their acting contexts. The theoretical approach comprises authors who take the reading experience in its openness strength as Barthes, Candido, Petit, Foucault and Manguel.

KEYWORDS: Reading experience. Community Libraries. Mediation. Education.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Psicóloga formada pela UFRGS. Membro dos Núcleos de Pesquisa NUPPEC/UFRGS) e NEMES/UFRGS). Contadora de histórias pelo coletivo *Com fio no conto*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6490-9975>. E-mail: sofia.tessler@gmail.com.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, Pesquisadora I-A do CNPq. Coordena o NEMES - Núcleo de Estudos sobre Mídia, Educação e Subjetividade, da UFRGS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6524-3850>. E-mail: rosabfischer@gmail.com.

*Artigo recebido em 29 de junho de 2022 e aceito para publicação em 18 de setembro 2022.



Introdução

O presente artigo busca desdobrar um pensamento em torno da leitura na sua força de abertura. Trata-se do recorte de uma pesquisa de mestrado em educação, cuja pergunta mobilizadora volta-se para a atuação das mediadoras de bibliotecas comunitárias e seus modos singulares de possibilitar que as experiências de leitura possam ter lugar. Além disso, busca-se reconhecer a complexidade das forças que tensionam os modos de ler, de escrever e de se relacionar com o objeto livro, sobretudo no contexto brasileiro. Para tanto, partimos das experiências de quatro bibliotecas comunitárias do Rio Grande do Sul, cujas mediadoras de leitura e bibliotecárias realizam um trabalho de escuta da comunidade na qual elas estão inseridas.

São muitas as inquietações de nosso tempo em relação ao direito humano à leitura, à literatura, à escrita e às bibliotecas. O escritor brasileiro Jeferson Tenório (2021) elabora um pensamento em torno dos desafios de tornar-se leitor em tempos difíceis³. Com muita precisão, ele nos diz: “tudo o que um governo autoritário quer é que a gente não imagine”. Nesse sentido, construir uma relação íntima com a leitura pode se tornar um perigo para aqueles que se consideram “detentores do poder”. Em diálogo, a escritora Carolina Maria de Jesus, que tanto recorreu à leitura e à escrita como um modo de elaboração da realidade e um testemunho de seu tempo, nos diz: “não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem” (JESUS, 2014, p. 24).

No cenário brasileiro, as bibliotecas comunitárias nascem e se multiplicam, sobretudo nas periferias urbanas, denunciando as desigualdades no acesso aos bens culturais. Segundo a pesquisa *O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores* (2019), a ausência de equipamentos culturais apresenta-se como uma característica dos territórios em que essas bibliotecas estão localizadas. Assim, a criação de tais pontos de cultura acontece pela e para a comunidade, de forma coletiva, com base “em atitudes criativas e solidárias e lideradas por grupos de tomam para si o desafio de solucionar a carência da leitura e do acesso à informação, numa luta contra a crescente exclusão social” (MACHADO, 2008, p. 16). Diante das forças que tentam impedir uma sociedade mais leitora, as bibliotecas co-

3 Sua fala pode ser acessada no link: <https://www.youtube.com/watch?v=raFi9HCONUM>. Acesso em 22 jun 2022.



munitárias tornam-se presentes em seus territórios, através da escuta das comunidades e engajadas em aproximar os livros das pessoas.

Nesse sentido, a pesquisa busca atentar-se aos discursos voltados à leitura, recorrendo a alguns episódios recentes de tensionamentos nos modos de interação com os livros. Observa-se no Brasil um clima de indignação frente às recentes medidas para taxar os livros (2020), fundadas no discurso de que “pobre não lê”. Importante lembrar que a isenção tributária dos livros é fruto de uma lei sancionada em 2004 de modo a incentivar a leitura, facilitando seu acesso, inclusive para a criação de um Fundo Pró-Leitura. Além disso, percebe-se um crescente número de bibliotecas públicas e escolares sendo fechadas e com um sintoma histórico de poucos concursos para bibliotecários. Soma-se a isso um gesto de censura e de racismo com a retirada de livros da biblioteca da Fundação Palmares (2021), o que desperta inúmeras preocupações diante do recente cenário brasileiro. A complexidade dos discursos implicados e as tentativas de ataques à cultura de modo geral nos exige uma atenção às minúcias que ainda impedem uma maior intimidade com a leitura. Como nos alerta Manguel (2020), não podemos nos esquecer que outra forma de censurar livros é “fazer-nos acreditar que não os merecemos” (p. 47).

Por essa via, a atuação das mediadoras de leitura se dá em contextos em que historicamente se fazem presentes discursos de que estes bens culturais não seriam de direito a tais populações, como se não pudessem ser objeto de interesse e de desejo (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019). Pertencentes à Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), constituída em 2015, as bibliotecas tornam-se espaços de convivência e sociabilidade por meio da mediação de leitura e das ações culturais, além de auxiliarem no fortalecimento da identidade cultural periférica (MACEDO, 2018). Consideram-se as bibliotecas comunitárias como

(...) um projeto social autônomo que tem por objetivo estabelecer-se como entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas e privadas locais, lideradas por um grupo organizado de pessoas, com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro com vistas a sua emancipação social (MACHADO, 2008, p. 64).



Com inspiração no professor e sociólogo Antonio Candido, tais dispositivos culturais lutam pela democratização da leitura. Em suas palavras: “negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade” (1988, p. 186). Desse modo, a proposta desta escrita é apresentar recortes de uma pesquisa que se inclina a compreender como acontecem as práticas de leitura e como as mediadoras participam da criação de um espaço para a experiência da leitura ter lugar. Busca-se, de modo geral, produzir conhecimento na intersecção dos campos da arte e da educação, a fim de alargar as reflexões em torno das práticas de leitura e da formação de leitores.

A leitura como experiência

Os primeiros lampejos para pensar nas experiências de leitura em bibliotecas comunitárias vêm de uma cena descrita na pesquisa *O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores* (2019). O relato de uma mediadora de leitura nos permite acompanhar o gesto mínimo de uma criança ao inventar um modo de transportar o livro *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, da biblioteca comunitária para sua casa. Sem ter o conhecimento da possibilidade de fazer um empréstimo, a menina retirava, a cada dia, uma página. Ainda que sutilmente, a mediadora, após um tempo, foi percebendo que o livro ia diminuindo de tamanho. De página em página, o livro ia ganhando vida em outro lugar.

A mediadora, ao perceber as mudanças no livro, foi acompanhando o processo, reconhecendo que as transformações não apenas estavam situadas no livro, mas também na menina, que mantinha contato com ele todos os dias. Emocionada, a mediadora se questiona: “por que não percebi antes e não emprestei o livro pra ela levar pra casa?”. Tal pergunta nos abre às primeiras linhas de pensamento da biblioteca comunitária como um território sensível, em que se faz presente o gesto de acolher o acontecimento e encontrar meios para aproximar seus leitores da literatura. Segundo o relato escrito na pesquisa mencionada, “a jovem ficou emocionada ao lembrar que a coordenadora não brigou com ela e, pelo contrário, incentivou-a a levar outros livros e a conhecer outros poemas. A menina concluiu que a biblioteca foi fundamental para quem ela é até hoje (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019, p. 61).



A cena nos mobiliza a pensar a leitura na sua dimensão de experiência, ou seja, quando a ênfase está na relação que se cria entre a leitora ou o leitor e o livro. O diálogo com o referencial teórico vai na direção de ampliar os modos de compreender a leitura, em que a linguagem não se restringe apenas a um instrumento para apreender o texto escrito. A dimensão de experiência apresenta-se aqui próxima do pensamento barthesiano em torno da leitura, ou seja, o leitor como quem “produz, amontoa linguagens, deixa-se infinita e incansavelmente atravessar por elas: ele é essa travessia” (BARTHES, 2004, p. 43).

A leitura, com Barthes (1977; 2004), é pensada como texto-leitura, de forma que o gesto de ler com o texto produz um tecido, fruto da presença de um corpo leitor com seus modos singulares de abrir espaço ao pensamento e dar movimento às construções de sentido. A forma ampliada de pensar o verbo ler encontra ressonâncias em um fragmento do livro *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*,

Gosto de imaginar que tudo é passível de leitura: os sonhos, os sintomas, a doença, a morte, a música, a dança, as pessoas, as palavras. E talvez a experiência da vida nada mais seja do que estar, dia após dia, lendo o mesmo livro, às vezes a mesma frase, durante anos, e, a cada momento, um aprofundar-se, um movimento em espiral, uma leitura em direção ao centro, o centro inabitado da palavra (SAAVEDRA, 2021, p. 119).

O ato de ler na sua dimensão poética e política não se restringe à leitura da palavra; pelo contrário, é com a palavra que se torna possível adentrar em território vasto e fundo, colocando o pensamento a trabalhar e de modo a exercitar ler o que ainda não foi escrito (CALVINO, 2015). Barthes e Saavedra transmitem que este verbo pode estar infinitamente carregado de objetos diretos, como, por exemplo, “leio textos, imagens, cidades, rostos, gestos, cenas, etc.” (BARTHES, 2004, p. 32). No contexto da pesquisa, podemos estabelecer relações do modo ampliado de ler com falas de mediadores de leitura como, por exemplo, a seguinte:

(...) embora tudo isso que a gente faça, o fim é sempre o mesmo: que é a questão da leitura chegar nas pessoas. A questão da leitura em si, a gente aprende a ler não só as palavras, a gente aprende a ler o mundo. A ler a arte, a ler o mundo, a ler as pessoas, então é todo esse processo. (Mediadora de Leitura, Entrevista 1).



Nessa direção, a antropóloga Michèle Petit, em seu livro *Ler o mundo* (2019), vai desdobrar uma série de reflexões em torno dos modos singulares de ler e se relacionar com a arte, sobretudo em contextos de crise. Para ela, a leitura, “quando não é regida pela obrigação ou pela utilidade imediata, está provavelmente nos momentos em que erguemos os olhos do livro e surgem associações inesperadas” (PETIT, 2019, p. 64). Tal reflexão aproxima-se do modo barthesiano de ler, quando o autor nos indaga: “nunca lhe aconteceu, ao ler o livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça?” (BARTHES, 2004, p. 26). Trata-se de trazer para perto da leitura este caráter de experiência que nos movimenta a estar simultaneamente dentro e fora de nós mesmos. Trata-se de uma ideia de experiência que sublinha o fato de produzirmos e vivermos abertos também ao que nós não somos, ao imprevisível de novas e outras sensações e acontecimentos. Em suma, a nos fazermos disponíveis ao que, nesta vida, é arte, pensamento e criação.

Deixar-se atravessar pelo desconhecido, pelo inesperado sem temer aqueles instantes em que o texto, na sua estranheza ou na sua identificação, participa intensamente da vida, não seria isto, talvez, uma experiência de leitura? Na medida em que ofertamos ao texto sentidos singulares, as palavras lidas também podem produzir no leitor e na leitora transformações em suas paisagens subjetivas. Neste sentido, ao folhearmos as páginas de um livro, o texto também nos lê, ou seja, nos devolve uma imagem (DIDI-HUBERMAN, 2015) que pode vir a tocar em nossos modos de viver e de nos relacionarmos com os outros. Para Michèle Petit, a experiência de leitura talvez seja isso: “a partir de imagens ou fragmentos recolhidos nos livros, podemos desenhar uma paisagem, um lugar, um habitáculo próprio” (2013, p. 109).

Não é raro associarmos a leitura a uma obrigação ou a uma utilidade, ou até mesmo à sacralização do livro. Na contramão destas concepções, Foucault (2004) se volta para as leituras que não se limitam a compreender o que o autor ou autora queria dizer, ou seja, interessam-lhe aquelas que excedem e permitem uma experiência. Na esteira de Foucault e, ao lado de Derrida, pensamos nos gestos de leitura que se arriscam a ler com o texto, torná-los mais próximos de nossas vidas, o que nos coloca no exercício de “assinar o que se lê” (FISCHER, 2005). Na medida em que nos abrimos às leituras e damos vida a um texto estamos também trabalhando a escrita de nossas próprias vidas.



Ao se perguntar o que é um leitor, Piglia (2006) nos sinaliza que um leitor é aquele que permite distorcer o texto. Este modo de pensar o sujeito que lê como quem se arrisca a tocar e deixar-se tocar, nos aproxima das contribuições de Petit (2010; 2013; 2019). Para ela, ler tem a ver com a inscrição de um traço.

Não nos esqueçamos, o leitor não consome passivamente um texto, ele se apropria dele, o interpreta, deturpa seu sentido, desliza sua fantasia, seu desejo, suas angústias entre as linhas e as mescla com as do autor. É aí, em toda essa atividade fastasmática, nesse trabalho psíquico, que o leitor se constrói (PETIT, 2013, p. 27).

Assim, no processo de mediação das bibliotecas comunitárias, considera-se, como ponto de partida, que os processos de leitura e de escrita são indissociáveis, e que a leitura é compreendida na sua multiplicidade de modos de ler e de se relacionar com o mundo, com o cuidado de não instrumentalizar a linguagem. As práticas de leitura nas bibliotecas comunitárias estão atravessadas por uma série de outras ações, como bem nos aponta uma mediadora, “porque o espaço da biblioteca é o espaço da ação cultural, é o espaço do encontro, principalmente” (Mediadora de leitura, Entrevista 1), um lugar onde se acolhem os mais diversos acontecimentos, na sua imprevisibilidade. Em diálogo, encontramos na fala de outra mediadora de leitura a ideia da biblioteca como um espaço de encontro: “na biblioteca, não precisa necessariamente quem entrar aqui levar um livro pra casa, não precisa só ficar lendo. É um espaço de encontro também. É um espaço de só estar” (Mediadora de Leitura, Entrevista 2). Buscaremos, a seguir, adentrar no terreno polissêmico das bibliotecas comunitárias e seus modos singulares de atuação.

A biblioteca como presença

Jorge Luis Borges nos dirá que “enquanto não abrimos um livro, esse livro, literalmente, geometricamente, é um volume, uma coisa entre as coisas. Quando o abrimos, quando o livro encontra seu leitor, ocorre o fato estético” (BORGES, 2011, p. 160). Para o escritor argentino, é na dimensão de encontro que a poesia vive. Michèle Petit enfatiza a importância da experiência estética como uma forma de criar outros espaços em que seja possível “celebrar a brincadeira, as



partilhas poéticas, a curiosidade, o pensamento, a exploração de si e daquilo que nos rodeia. É manter viva uma porção de liberdade, de sonho, de inesperado” (PETIT, 2019, P. 13).

Se consideramos necessária a experiência literária, nos perguntamos se todos têm acesso a ela. No contexto brasileiro, as pesquisas referentes às bibliotecas comunitárias constataam a ausência do Estado na garantia de seus deveres de forma igualitária. Ainda que certas políticas públicas se esforcem em ampliar as condições de acesso ao livro, à leitura, à escrita e à biblioteca, como o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (1992), o Plano Nacional do Livro e da Leitura (2006), a Política Nacional de Leitura e Escrita (2018), e os Planos Municipais do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas, estas pesquisas vêm apontando, de modo geral, para a falta de compromisso dos órgãos públicos de forma igualitária.

Localizadas sobretudo nas periferias urbanas, as bibliotecas comunitárias denunciam a ausência de outros espaços culturais nos territórios em que se encontram. Na fala de uma entrevistada, podemos compreender as barreiras históricas e geográficas impostas, quando falamos de acesso à cultura:

A gente tá descentralizado, mas a gente quer trazer o sentimento de centralização pra comunidade. Porque é muito legal. Até, quando comecei a me envolver mais com a casinha⁴, ver as ações, eu não tenho que pegar um ônibus pra ir lá no Gasômetro, pra ir lá na Casa de Cultura participar de uma atividade cultural. Simplesmente pegar minha bicicleta, vir caminhando cinco ou dez minutos. É outro sentimento. Na verdade, o centro não é o centro da cidade, o centro é onde tu tá. Valorizar os espaços que não estão no centro da cidade, pra fazer a economia circular, tudo isso é muito importante (Mediadora de Leitura, Entrevista 1).

Na medida em que se fazem presentes em territórios onde muitas vezes inexitem outros espaços culturais, as bibliotecas e sua luta pela democratização da leitura contribuem para pensar sobre uma série de perguntas: de que modo a falta de investimento público e a não garantia dos direitos humanos em territórios periféricos nos dá pistas dos riscos que o acesso à cultura traz aos detentores de poder? Como acontecem as práticas de leitura nestas bibliotecas? De que modo as bibliotecas exercitam a escuta de suas comunidades?

⁴ A entrevistada refere-se à biblioteca, apelidada de “casinha”.



No fragmento mencionado acima, a fala da mediadora nos convida a problematizar as geografias da linguagem. “Na verdade, o centro não é o centro da cidade, o centro é onde tu tá.”, o que dialoga diretamente com a constatação da pesquisa *O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores* (2019):

A ausência de equipamentos culturais, teatros, museus, centros de cultura e bibliotecas públicas municipais, apresenta-se como uma característica dos territórios onde as bibliotecas comunitárias estão localizadas, fazendo com que ocupem um lugar importante como ponto de referência no local e como um projeto de ampliação de oportunidades para os moradores (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019, p. 32).

O trabalho realizado pelas bibliotecas comunitárias não se restringe à luta pelo acesso à leitura. Mais do que o acesso em si, percebe-se que é fundamental a presença de profissionais engajados em criar as condições para que a leitura seja experimentada de diferentes modos. Além disso, são espaços em que acontecem diversas ações culturais de acordo com as demandas específicas da comunidade, como oficinas de encadernação, aulas de capoeira, saraus, cursos de corte de cabelo, cursinhos pré-vestibulares etc. Ainda que o livro esteja transversalmente presente em todas as ações, a biblioteca é pensada como um ponto de cultura, buscando fortalecer os traços identitários da população de seus territórios (MACEDO *et al.*, 2020).

No seu livro *O direito de ler e de escrever*, Silvia Castrillón pensa a biblioteca como um lugar engajado nas lutas democráticas e com o compromisso ético e político por uma sociedade mais justa. Para ela, a(o) bibliotecária(o) deveria “contribuir na luta contra a miséria e contra tudo o que restrinja a liberdade de pensamento e a liberdade de eleger entre opções que possibilitem uma vida digna (...)” (2011, p. 41). A autora colombiana ressalta o caráter público da biblioteca e nos lembra, com referência a Paulo Freire, da responsabilidade desses espaços por uma mudança social. Como professora e bibliotecária, engajada na luta pelo direito à leitura, ao livro, à escrita e à biblioteca, Castrillón (2011) coloca em evidência a defesa pelo pensamento crítico, afirmando que a biblioteca deveria ser um agente para o movimento democrático.

No contexto desta pesquisa, uma mediadora questiona-se ao falar das experiências de leitura em sua biblioteca: “como que a gente vai fazer uma mediação de leitura se a pessoa tá lá com a barriga vazia,



não tem cabeça pra isso?” (Mediadora de Leitura, Entrevista 1). Esta pergunta nos sugere que pensar a mediação de leitura é exercitar uma escuta de seus leitores, sem desassociar a leitura do contexto no qual a comunidade está inserida. Para estas bibliotecas, a garantia do direito humano à leitura está atrelada, de forma ampliada, ao direito à informação. A mediação da informação é uma função de extrema importância para as bibliotecas comunitárias, de modo que as mediadoras possam contribuir para que cada cidadão tenha o direito de se apropriar das informações, realizar leituras críticas de sua realidade e reivindicar por seus direitos (MADUELL; BORGES, 2021). Dentre os eixos centrais das bibliotecas comunitárias, encontra-se o enraizamento comunitário, a participação coletiva e a singularidade do território, ativando assim uma escuta atenta e humanizada para com a comunidade leitora.

No Festival *O Brasil que lê* (2020)⁵, organizado pela Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, podemos escutar Bel Santos Mayer. Como uma das grandes referências das bibliotecas comunitárias, ela nos fala da importância de fazer de uma mesma defesa a literatura e o alimento.

Então, é um Brasil que tem defendido a poesia com a mesma ênfase que defende o pão. O pão sem veneno, a comida orgânica, a comida que é plantada pela nossa gente. É um Brasil, esse que a gente tem construído juntas, juntas e juntos, é um Brasil que defende a proteção e o cuidado da mesma forma que a gente defende a poesia e o pão (MAYER, 2020).

A biblioteca como um espaço de encontro e como uma referência cultural no território é fundamental para que a leitura seja experienciada na sua dimensão mais ampla. Em tempos de constantes ataques à cultura, em um país fragilizado pela extrema desigualdade social, as bibliotecas comunitárias tornam-se cada vez mais presentes em seus territórios, de modo a escutar a comunidade, a construir junto com ela múltiplas formas de se relacionar com a leitura e a produzir um sentimento de pertencimento.

A biblioteca é uma das instituições mais generosas já inventadas pelos humanos – desde que não a encontremos de portas fechadas a toda hora. (...) É um dos raros locais

⁵ O vídeo de abertura do Festival pode ser acessado pelo link: https://www.youtube.com/watch?v=vNpt-QW0zDPM&list=PLAeelsf7zhuF9y8AT018Gc6X2_KzjMZyR&index=2. Acesso em 22 jun 2022.



que escapam, pelo menos até hoje, à lógica onipresente do lucro. Ela dá testemunho de uma continuidade, é como um ponto de referência estável capaz de gerar um sentimento de pertencimento, tão comprometido em tempos de crise. “A biblioteca é como uma presença” (PETIT, 2019, p. 198).

A abertura das bibliotecas pode se fazer visível por suas portas e janelas convidativas a entrar, mas também podemos perceber pelos modos de atuação das mediadoras, com suas escutas e poros abertos ao que está dentro e fora de seus espaços, atentas às singularidades dos moradores de seus bairros, aos atravessamentos políticos, às culturas locais e às multiplicidades de práticas de leitura que ali podem acontecer. Assim, a presença das bibliotecas nas comunidades, os modos de atuação das mediadoras e a experiência de leitura são pontos de articulação fundamentais no contexto da pesquisa de que tratamos aqui. Busca-se, na seção seguinte, apresentar os procedimentos metodológicos, de modo a ensaiar um pensamento da leitura no *entre*. Em outras palavras, no tempo-espaço de abertura aos interstícios do pensamento.

Entreler como metodologia

Enquanto percurso inventivo, a pesquisa buscou acompanhar, escutar e registrar as práticas de leitura, na tentativa de compreender como se dão as relações entre biblioteca e comunidade e como a atuação das mediadoras contribui para as experiências de leitura. Quanto ao processo de habitar as bibliotecas comunitárias, nosso estudo apontou para a composição de dois procedimentos metodológicos, a cartografia (ROLNIK 2006; COSTA, 2020) e a montagem (RODRIGUES, 2020; DIDI-HUBERMAN, 2013). A cartografia, como inspiração metodológica, apresenta uma dimensão ética e estética com o processo (COSTA, 2020). Muito próximo dos procedimentos cartográficos, a montagem como trabalho do pensamento convida a demorar-se nas imagens que nos atravessam nas visitas às bibliotecas e encontrar formas provisórias de estabelecer relações entre cenas, leituras, conversas, imagens etc. Assim, a composição entre a cartografia e a montagem torna-se um método aberto, cuja escuta sensível (ROLNIK, 2006) nos lança a um modo de pensar a pesquisa na sua dimensão de experiência.



Nossa aproximação com as bibliotecas comunitárias iniciou-se em maio de 2021. Em função do contexto de pandemia Covid-19, as visitas presenciais começaram em junho de 2021, de modo gradual e de acordo com as condições específicas de saúde e segurança de cada uma das bibliotecas contempladas. Com uma reabertura maior em 2022, iniciou-se um período de visitas com frequência semanal, na medida do possível, para acompanhar o processo de seus trabalhos no território.

Os primeiros encontros iniciaram-se com uma entrevista de modo a conhecer, pela narrativa das mediadoras de leitura, o contexto de suas bibliotecas. A entrevista dividiu-se em cinco eixos, quais sejam, 1) História da biblioteca e a relação com a cultura local; 2) Trabalho em rede; 3) Mediações de leitura e formação de leitores; 4) Políticas Públicas; 5) A biblioteca na pandemia. As entrevistas são semiestruturadas, pois guardam um tom de conversa, abertas ao movimento do próprio ato de conversar. A experiência de habitar as bibliotecas para além do tempo das entrevistas foi ganhando corpo. Permanecer no espaço era um convite a entrar em contato com a vida de uma biblioteca, com seus burburinhos, suas plantas, suas memórias, suas marcas na parede, suas leitoras e leitores, seus livros. Desse modo, a pesquisa recorreu, além das entrevistas, às anotações dos cadernos e às fotografias produzidas ao longo do tempo das visitas, cuja ênfase encontra-se no processo.

Nesse sentido, atentar-se aos mínimos detalhes, exercitar um olhar às linhas invisíveis, fazer morada nos cadernos de anotações, permitir-se atravessar pela experiência, entregar-se aos desvios que porventura surgirem – estas são algumas das instruções metodológicas que a cartografia nos transmite. Podemos pensar na ação de cartografar como um gesto sensível ao mundo, ou melhor, um gesto que dá a ver as formas como nos relacionamos com o que está dentro e fora de nós. Atenta ao processo, a cartografia torna-se modos de viver a pesquisa em que posições éticas e políticas são indissociáveis (COSTA, 2020).

No que concerne à montagem, ela implica um pensamento por imagens. Com inspiração no Atlas Mnemosyne, de Aby Warburg, o filósofo Didi-Huberman (2013) contribui para inventar, com a montagem, um trabalho do pensamento. Assim, ele nos apresenta o Atlas, composto de um fundo de tecido preto em que as imagens são dispostas com prendedores, de modo que a composição seja sempre provisória. Ou seja, faz-se presente o incessante deslocamento combinatório das imagens. A montagem nos convida a demorar no “entre”: entre-gestos [montar e desmontar]; entre-ficções: [memória e imaginação]; entre-



-sentidos [imagem e palavra]. Demorar-se no entre-lugar dos textos (FOUCAULT, *apud* GENETTE & TODOROV, 1983). Dessa forma, a imersão em um pensamento-biblioteca, na construção da pesquisa, nos faz inclinar para a montagem como um método aberto e sensível ao exercício de estabelecer relações. Nesse sentido, sem renunciar ao rigor, não se considera aqui o uso de um método para ser aplicado, mas sim como algo aberto à experiência (RODRIGUES, 2020). Nas palavras de Manguel, a biblioteca de Warburg era feita de coleções que tivessem “uma fluidez e uma vivacidade que nem a separação por assuntos nem as restrições cronológicas poderiam proporcionar” (MANGUEL, 2006, p. 169). Assim, busca-se inspiração em referências do campo da arte e da filosofia para tecer um pensamento da biblioteca como montagem, em que o verbo *entreler* como metodologia parece se aproximar de uma ética de pesquisa.

Cartografar e (des)montar são verbos que nos colocam em movimento incessante, o que nos exige um estado de porosidade aos múltiplos saberes a partir da aproximação com as bibliotecas comunitárias. Tais saberes se articulam com matérias que tratam “da vida, da subjetividade, de algo que é ao mesmo tempo singular e coletivo, que se faz entre o que é mais íntimo e aquilo que está fora, algo que está sempre em movimento, que nunca é exatamente uma coisa porque está sempre entre” (COSTA, 2014, p. 68). A composição destes procedimentos tem no horizonte “um método e um modo de fazer pesquisa que tem na montagem do pensamento, da leitura e da escrita seu trajeto de investigação. Uma montagem que acontece no entre, no roubo de questões da cartografia” (RODRIGUES, 2020, p. 374). Por fim, pensar na composição de duas metodologias cuja ênfase encontra-se no processo, nos mínimos detalhes e na dimensão de encontro, nos coloca no exercício de uma escrita atravessada pelo gesto de *entreler*.

Considerações finais

Percebe-se com as conversas e visitas realizadas que a atuação das mediadoras de leitura nos territórios onde suas bibliotecas estão inseridas abrange múltiplas ações culturais, sem restringir-se apenas à leitura da palavra (FREIRE, 1989). Seus modos de despertar uma vida leitora passa por encontros cujo cuidado está em não impor a leitura a quem se aproxima. Pelo contrário, é pela escuta das demandas da comunidade que a biblioteca vai se montando e se reinventando para



acolher quem queira estar ali. Rodas de conversas, cafés literários, capoeira, oficinas de encadernação, cursos de corte de cabelo, distribuição de marmitas e cestas básicas, mediações de leitura, contações de histórias, saraus, cinemas, encontros com escritores, são exemplos de atividades que atravessam seus espaços. Assim, a pesquisa buscou articular a atuação de mediadoras de leitura, a presença das bibliotecas comunitárias nos seus territórios e as experiências de leitura na sua força de abertura.

Com uma escuta atenta aos modos singulares de se relacionar com os livros e com a biblioteca, as mediadoras vêm atuando em defesa pela democratização da leitura e do acesso aos bens culturais, reconhecendo as especificidades de cada leitor e leitora frequentadores de suas bibliotecas e propondo ações culturais de acordo com os contextos em que estão inseridas. A mediação, tão próxima à dimensão de escuta, torna-se fundamental nas bibliotecas, para acolher os sujeitos leitores e possibilitar que possam “construir um mundo habitável, humano, poder encontrar ali o seu lugar e locomover-se; celebrar a vida no cotidiano, oferecer as coisas poeticamente (...) (PETIT, 2019, p. 23). Pensar a biblioteca como um espaço de escuta, esta é uma das transmissões das mediadoras de leitura, cuja atuação sensível e de acolhimento possibilita uma ampliação nos modos de se relacionar com o objeto livro e com a leitura, de mundo.

Referências

- BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2004.
- BORGES, J. **Borges oral & Sete noites**. Tradução Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CALVINO, I. **Se um viajante numa noite de inverno**. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CASTRILLÓN, S. **O direito de ler e de escrever**. Tradução: Marcos Bagno; São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.
- COSTA, L. A. cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. **Revista Paralelo31**, Pelotas, v. 15, 2020.
- COSTA, L. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, vol. 7, n. 2, 2014.



- DIDI-HUBERMAN, G. **A imagem sobrevivente**: História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- FERNANDEZ, C.; MACHADO, E.; ROSA, E. **O Brasil que lê**: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores. Olinda: CCLF, Brasil: RNBC, 2019.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: a arte de assinar o que se lê. In: COSTA, M. V.; BUJES, M. I. E. **Caminhos investigativos III**. Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 117-140.
- FOUCAULT, M. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**; organização e seleção de textos, Manoel de Barros; tradução, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, 1989.
- JESUS, C. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Ilustrações de Vinicius Rossignol Felipe – 10. Ed. - São Paulo: Ática, 2014.
- MACEDO, P. **Bibliotecas Comunitárias: agentes de resistência nas periferias**. TCC (Graduação). Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- MACEDO, P. ; FINGER, Y.; ESCALANTE, I.; CABRAL, F. Bibliotecárias em bibliotecas comunitárias. In: SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. (Org.) **O perfil das novas competências na atuação bibliotecária**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020
- MADUELL, B; BORGES, J. Bibliotecas comunitárias como espaços de direito à informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 16, n. 3, 2021.
- MANGUEL, A. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PETIT, M. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje; tradução de Julia Vidile. São Paulo: Editora 34, 2019.
- PETIT, M. **Arte de ler ou como resistir à adversidade**; tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2010.
- PETIT, M. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.



PIGLIA, R. **O último leitor**; tradução Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RODRIGUES, E. **Montagem**: por uma escrita em educação. São Leopoldo: Azulejo Arte Impressa, 2020.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina/ Editora da UFRGS, 2006.

TENÓRIO, J. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

